

Muito ruim para o Interior, diz Ique

Perfil



FOTOS: LÍVIA ARAÚJO/ESPECIAL/JC

Luís Henrique Vedovato, mais conhecido como Ique Vedovato, é natural de Porto Alegre e prefeito reeleito de Imbé, no Litoral Norte do Rio Grande do Sul. Ique possui uma trajetória de mais de duas décadas na função pública, tendo atuado em dois mandatos como vereador e dois mandatos como vice-prefeito. É bacharel em Ciências Contábeis pela Universidade

do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e funcionário de carreira da Caixa Econômica Federal. Ique presidiu da Associação dos Municípios do Litoral Norte (Amlinorte), em 2025, ano que também atuou como vice-presidente da Famurs. No âmbito pessoal, é casado com Ruth Josielli Monteiro Ruschel e pai de Monique e Pedro Henrique.

o que vai acontecer. Quando doer lá na cidade, aí a cidade vai olhar para o campo e vai entender.

JC - Muitos municípios gaúchos aplicam mais de 25% da receita própria em saúde, ao mesmo tempo em que o governo do Estado firmou acordo com o Ministério Público para postergar o cumprimento do mínimo constitucional de 12%. Como isso impacta as finanças municipais?

Ique - O acordo que o governador (Eduardo Leite) fez diz assim: "Se possível". (No acordo) gradativamente o Estado vai atingir os 12% desconsiderando a cada ano uma parte, e isso fez com que o Estado tivesse um pouco mais de fôlego orçamentário para fazer alguns tipos de investimentos importantes. Porque o cidadão mora, vive, bota o pezinho dele na cidade, mas o cidadão ele é gaúcho e brasileiro. A União e o Estado também têm responsabilidade, dentro das suas atribuições, para dar atendimento de serviço público, inclusive na área da saúde. Os municípios ficam nessa distribuição de atribuição ali com a parte mais imediata, de atendimento de urgência,

emergência e atenção básica, que é o postinho do bairro com a consulta agendada, e em alguns lugares conveniando com o médico da família. É o que o município pode fazer, o que dá para classificar como baixa complexidade. Média e alta complexidades são com o Estado e com a União. Se for ver o esforço que o município faz investindo mais do que constitucionalmente é obrigatório investir, na maioria das vezes, é para suplantar a deficiência da outra esfera. Não é para fazer aquilo que é o seu propósito constitucional.

JC - Quais os principais desafios para o desenvolvimento econômico dos municípios gaúchos?

Ique - A competição (da busca por mão de obra) com os benefícios sociais é um desafio grande. A distância, porque o estado do Rio Grande do Sul é maior que muitos países. A dificuldade de logística, de transporte diminuiu um pouco agora com os investimentos que o Estado fez no Interior. A nossa cultura do agro de cidade pequena também diverge um pouco de outros estados, que conseguem se desenvolver de maneira mais intensa, como Paraná e

Santa Catarina. Talvez o Sul, que tem que enfrentar essa diferença de clima que o resto do País não tem, tenha ficado para trás no tempo em relação a isso. Agora com esses eventos climáticos, que cada vez que se anunciam são mais intensos e frequentes também. Esses são os desafios que a gente vai ter que ultrapassar. O investimento da União no agronegócio me parece que não acontecerá como aconteceu no passado. A gente está com a nossa economia combatida, com base na agricultura, e sem atenção da União. Com o Estado até querendo fazer alguma coisa, mas a gente precisa da União. Isso é um desafio, porque o nosso povo que planta não tem mais garantia para continuar se financiando e plantando. Então, teria que ter uma atenção da União. É um ano de eleição, talvez isso venha a ser pauta também, para que a gente possa, no futuro, ter uma atenção da União em relação ao nosso Estado.

JC - Quais as prioridades de sua gestão na Famurs?

Ique - Eu vou fazer um trabalho de aproximação da Famurs com os municípios do Interior, tentando

interiorizar mensalmente e reunir de maneira estratégica as associações regionais. São 29 associações regionais, se a cada um (mês), dos 10 meses daqui para frente, a gente consegue fazer um evento com três entidades, a gente consegue levar a Famurs para todas as regiões. A Famurs também deve prestar assessoria técnica aos municípios que têm dificuldade, principalmente os menores. Então nós temos ali 10 áreas técnicas externas - educação, saúde, comunicação, meio ambiente, ação social -, e teve uma área de inovação e tecnologia que eu criei agora, logo que assumi. Então, eu também pretendo fazer um evento de cada uma das áreas de maneira interna para que os municípios, que são os associados contribuintes, entendam que a Famurs também está ali para poder auxiliar aqueles que têm algum tipo de necessidade, que não podem contratar esse auxílio ou que não têm estrutura técnica no corpo interno de empregados.

JC - O Litoral Norte é a região do Estado que mais cresce em população. Como o senhor explica essa tendência?

Ique - Tem uma estatística, que nos últimos 12 anos, sete das 10 cidades que mais cresceram no RS são do Litoral Norte, e tem uma série de fatores. O mundo mudou, as pessoas não são mais iguais ao que eram antes, e hoje elas buscam coisas diferentes e os valores mudaram. Antes tu saias do Interior para ir em direção aos grandes centros para tentar buscar oportunidades e até acesso ao que o Interior não dava. Hoje tu tens tudo. Quando eu era criança, as pessoas iam lá para o Litoral, para Imbé, e na época eu brincava: aqui também pega Rede Globo, aqui chega Jornal do Comércio. Porque parecia que quem morava lá era tipo bicho. Hoje não, hoje se vê que tem tudo, a internet chega em todo lugar, tem todo tipo de serviço, produto, mercadoria, que no passado não tinha, e que lá tem um meio de vida que a cidade grande não oferece mais. Lá é mais seguro, mais saudável, mais natural, mais simples, mais barato. Então, as pessoas começaram a entender que o 'ter' não sobrepõe ao 'existir', e o Litoral começou a oferecer algo que o grande centro não oferece mais. Então a gente vê: o Litoral envelheceu não com pessoas de lá, mas com aqueles que têm o patrimônio lá, fizeram a vida inteira aqui (em Porto Alegre), e que agora estão buscando o que aqui não oferece - tranquilidade, paz, segurança.

JC - A infraestrutura de acesso

também facilitou a conexão do Litoral com Porto Alegre...

Ique - A gente tem o fator da proximidade. A Freeway aproximou, a Rota do Sol aproximou, tanto a Serra quanto a Região Metropolitana.

JC - Passamos por uma pandemia e pelas cheias históricas de maio de 2024. Esses eventos intensificaram a migração ao Litoral?

Ique - Na pandemia as pessoas entenderam de se refugiarem no Litoral, em que pese os índices do Litoral, que eram superiores aos dos grandes centros, porque lá o pessoal acho que ficava mais livre. Depois teve o evento das enchentes, em que o Litoral foi atingido, mas não de maneira tão direta como outras regiões, como Porto Alegre foi. E muita gente foi para lá com financiamentos do governo para poder comprar (casa no Litoral). No Litoral, o que tinha de produto imobiliário para vender nestes financiamentos, esgotou tudo. O Litoral tem uma gama de oportunidades para empreender, e fez com que a região crescesse populacionalmente por diversos fatores e com perfis diferentes. Tem quem vai para lá no verão e fica, tem quem vai buscar emprego e fica, tem aquele que já tem tudo e vai buscar o sossego e fica, tem aquele que foi para lá para refazer a vida. Isso fez com que crescesse muito, então Capão da Canoa, em números absolutos, foi a cidade que mais cresceu, e Imbé foi em percentuais. A gente dobrou a população em 15 anos.

JC - O crescimento populacional aumenta a demanda por serviços públicos. Como estruturar a cidade para mais pessoas?

Ique - É uma ginástica, porque alguns vão com tudo, com plano de saúde, com poupança, patrimônio e ele participa ativamente da economia, proporcionando emprego. O que ele menos quer é trabalhar. Então ele não concorre no mercado de trabalho, utiliza pouco de alguns serviços públicos e produz renda, emprego e dignidade para quem busca isso. Alguns vão precisar de tudo. Em um ano, a nossa rede escolar saiu de 4,5 mil alunos para 5 mil alunos. Então, 500 alunos para uma cidade do nosso porte, é uma escola grande. Aí tem que fazer mais uma escola a cada ano se crescer dessa forma, então não é fácil. A gente ampliou o atendimento de saúde, que é atendimento preventivo e básico. Então é um desafio, porque aumenta a população, aumenta a necessidade de incremento dos serviços e a receita do município não aumenta na mesma medida.